



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS-IHL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM  
HUMANIDADES**

**LÍVIA RAQUEL DE LIMA PEREIRA**

**NARRATIVA PATRIMONIAL DO MUSEU HISTÓRICO DE  
PACATUBA.**

**REDENÇÃO**

**2022**

LIVIA RAQUEL DE LIMA PEREIRA

NARRATIVA PATRIMONIAL DO MUSEU HISTORICO DE  
PACATUBA

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADOR: Prof; Dr. Bruno Goulart Machado Silva

Redenção  
2022

LÍVIA RAQUEL DE LIMA PEREIRA

NARRATIVA PATRIMONIAL DO MUSEU HISTÓRICO DE  
PACATUBA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em  
Humanidades pela Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira (UNILAB).

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Bruno Goulart (Orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

---

NOME  
INSTITUIÇÃO

---

NOME  
INSTITUIÇÃO

## RESUMO

O presente projeto propõe analisar o Museu Histórico de Pacatuba, com enfoque nas produções realizadas pelos museus sobre a cidade e a região onde se localiza. Dialogamos aqui com as perspectivas que pensam e discutem o patrimônio, e os museus, enquanto instituições responsáveis por construírem narrativas sobre as memórias, identidades e culturas nacionais. O Museu Histórico de Pacatuba fica localizado na cidade de Pacatuba no centro da cidade. Foi construído em 2004 por iniciativa do ex-prefeito Célio Rodrigues que exercia o mandato na época, sendo, portanto, de iniciativa pública. O Sr. Antonio Fernandes, juntamente com sua esposa Elizete Maria Maia de Freitas, ficou responsável pela junção de objetos antigos que contassem a história de como se iniciou a cidade. Portanto eles foram aos moradores da cidade em busca desses objetos. O museu contém diversos objetos, àqueles voltados à figura do José Antônio da Costa Silva e de Maria do Carmo, os barões do café e pais de um famoso poeta, Juvenal Galeno da Costa e Silva (outro personagem marcante na cidade), fotografias da primeira professora de Pacatuba, bem como o primeiro e único cinema que havia na cidade. Outra parte é dedicada a festas religiosas, como a maquete da Praça da Paixão de Cristo.

**Palavras-chaves:** Museu histórico; Patrimônio; Narrativas.

## **Sumário**

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	7
Objetivos gerais	7
Objetivos específicos:	7
3. JUSTIFICATIVA	8
4. METODOLOGIA	9
5. ETAPAS DA PESQUISA	10
6. DEMILIMITAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA E DISCUSSÃO TEÓRICA	11
7 REFERÊNCIAS	24

## 1. INTRODUÇÃO

No presente projeto propomos um estudo da narrativa patrimonial construída pelo museu histórico de Pacatuba. As narrativas patrimoniais estão diretamente ligadas ao contexto de necessidade de representação da nação, ou seja, é construída a partir da necessidade de unificação de um povo. Como objetivo iremos analisar de forma crítica quais memórias e qual história serão representadas através das narrativas patrimoniais mobilizadas pelo museu.

A preservação da nossa identidade, história e símbolos que representam nossa nação são de extrema importância para que sejam preservados e salvaguardados do esquecimento. Como sabemos o patrimônio está presente em nosso cotidiano por meio de lugares de memória, como edificações, festas e, no caso aqui estudado, nos museus. Sabemos, contudo, que para a construção dessas narrativas patrimoniais, muitas histórias e memórias são deixadas à margem. Desse modo, é importante estudarmos e refletirmos de forma crítica sobre essas construções que fazem parte de nossas vidas.

No contexto desse projeto, propomos o estudo de um museu em específico, o Museu Histórico de Pacatuba. A instituição foi criada em 2004, através da iniciativa do ex-prefeito Célio Rodrigues, que deixou a cargo do Sr. Antônio Fernandes de Freitas, que juntamente com sua esposa Elizete Maria Maia de Freitas, ficaram responsáveis por reunir objetos que contassem a história da cidade. Os objetos expostos em sua grande maioria são antigos pertences do barão e da baronesa do café, Antônio Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva, pais do poeta Juvenal Galeno. Há também alguns objetos que remetem à escravidão, período anterior a 1883, quando ocorre a abolição da escravidão em Pacatuba. O Museu também dispõe de ornamentos referentes ao auto da paixão de cristo, festa religiosa muito importante para a cidade de Pacatuba.

Diante da exposição do museu, questionamos: qual narrativa patrimonial o museu constrói? O que essa narrativa inclui e exclui por meio da sua exposição? Como se deu o processo de construção do museu e reunião dos objetos serem expostos? Minha motivação na escolha do tema de pesquisa foi, a minha recente chegada ao município, pois não sou natural de Pacatuba, mas tenho grande admiração pela história e beleza da cidade. A forma como são preservados os modelos antigos das construções do período colonial, fazem o charme da cidade. Para além destas questões despertei o interesse sobre qual a narrativa construída pelo Museu de Pacatuba, tendo isto como o foco principal da

minha pesquisa, buscarei conhecer os museus históricos da região, para embasar melhor minha pesquisa e assim compreender diferentes narrativas.

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivos gerais**

Identificar e analisar a narrativa patrimonial construída pelo Museu Histórico de Pacatuba.

### **Objetivos específicos:**

1. Descrever o processo de construção da narrativa patrimonial do Museu Histórico de Pacatuba;
2. Apresentar os caminhos percorridos na criação do Museu Histórico de Pacatuba;
3. Analisar os objetos e curadoria do Museu Histórico de Pacatuba.
4. Perceber como a narrativa patrimonial se relaciona com a memória e história da cidade.



### **3. JUSTIFICATIVA**

Minha motivação na escolha do tema de pesquisa foi a minha recente chegada ao município, pois não sou natural de Pacatuba, mas tenho grande admiração pela história e beleza da cidade. A forma como são preservados os modelos antigos das construções do período colonial, fazem a cenografia da cidade. A partir desse deslumbramento com as construções históricas da cidade, passei a questionar a história incorporada nesses prédios. Desse modo, cheguei ao Museu Histórico de Pacatuba, ele mesmo com sede em um prédio histórico da cidade, e passei a refletir sobre qual a narrativa construída pelo Museu de Pacatuba.

Esse trabalho possui relevância prática por se propor a estudar os elementos constituintes do Museu Histórico de Pacatuba e a partir deles compreender qual a narrativa histórica e patrimonial constituída. Por ser um dos primeiros trabalhos de pesquisa voltados para a narrativa patrimonial do museu de Pacatuba, ele pode servir de base para futuros projetos e pesquisas, revisões bibliográficas, e se soma a um conjunto de outras reflexões sobre patrimônios e museus na região, produzidos especialmente no âmbito da UNILAB-CE.

A proposta de pesquisa é de grande importância social, por referir-se à história e à cultura de um povo, sua formação, os elementos contextuais que foram cruciais para a constituição de tal narrativa. A partir do desenvolvimento dessa pesquisa, espera-se despertar o interesse por conhecer melhor e estudar o contexto em que estamos inseridos, e conhecer as possíveis histórias que não estão sendo ressaltadas no contexto da memória oficial do museu.

Penso ainda que a pesquisa proposta aqui se faz de extrema relevância, tendo em vista a importância de conhecermos mais sobre a formação cultural, os valores, e bens culturais da cidade, bem como da região do Maciço de Baturité.

#### **4. METODOLOGIA**

O presente trabalho será realizado a partir de entrevista com o artista plástico Antonio Fernandes de Freitas (Antony Fernandes) que participou do processo de criação do Museu Histórico de Pacatuba. Além dessas entrevistas, serão visitados para trazer perspectiva, os museus da região do maciço do Baturité, como o Museu Senzala Negro Liberto, o Museu Histórico e Memorial da Liberdade de Redenção, o Museu Indígena Pitaguary, além, é claro, do nosso Museu Histórico de Pacatuba. Será realizada também uma observação participante, bem como a análise de dados coletados que possam existir, que contenham referências sobre a construção do museu.

Nosso trabalho se inicia com visitas em museus da região, onde serão coletados dados e informações para uma reflexão mais ampla sobre as narrativas patrimoniais nos museus e patrimônios históricos da região do Maciço do Baturité. Em seguida, propomos a realização de entrevistas com pessoas que são figuras importantes para a construção do museu aqui objeto de estudo, pois nos ajudarão a entender o processo de construção e reunião do acervo do Museu Histórico de Pacatuba.

Enfim, a partir de visitas frequentes ao museu iremos registrar, fotografar e refletir sobre a escolha curadoria e exposição dos objetos no museu, buscando entender a narrativa patrimonial do museu a respeito da história de Pacatuba.

## 5. ETAPAS DA PESQUISA

MES/ETAPA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Leitura e levantamento bibliográfico sobre o tema	X	X	X	X	X	X				
Visitas ao museu histórico de Pacatuba e a outros museus da região do Maciço.	X	X								
Trabalho de campo realizando entrevistas		X	X	X	X					
Registro da exposição do museu com visitas frequentes	X	X	X	X	X					
Organização e interpretação dos dados da pesquisa				X	X	X				
Escrita da pesquisa							X	X	X	
Conclusão e publicação dos resultados da pesquisa.										X

## **6. DEMILIMITAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA E DISCUSSÃO TEÓRICA**

De modo a trazer as reflexões teóricas que subsidiam a proposta contida neste projeto abordaremos três tópicos: o primeiro tópico traz o processo de construção dos museus e da noção de patrimônio no ocidente, enfatizando a idéia de que patrimônios e museus constroem narrativas de pertencimento nos contextos nacionais. No segundo tópico, abordaremos a construção da noção de museu histórico no Brasil. Por fim, no terceiro tópico, falaremos sobre patrimônios e museus históricos do Maciço do Baturité, incluindo aqui a apresentação de algumas informações sobre o Museu Histórico de Pacatuba, objeto de pesquisa deste projeto.

### **6.1. A gênese dos museus e a noção de patrimônio histórico**

As práticas de preservação tem sua influência a partir das práticas de colecionismo que surgem por volta do século XV, com o renascimento artístico italiano, que se inspirava na antiguidade clássica (Grécia e Roma) (FONSECA, 2005). Porém, até o século XVIII, eram formas isoladas de movimentos em torno da construção do patrimônio. Apenas setores dominantes como igreja e aristocracia realizavam ações em torno da preservação de monumentos (FONSECA, 2005). É, então, apenas no século XVIII que a noção de patrimônio surge na acepção que temos hoje, principalmente no contexto da revolução francesa, com a proposta de criar medidas para assegurar a preservação de bens considerados de posse da coletividade da nação e, por isso, bens de interesse público (FONSECA, 2005). Assim, a noção de patrimônio veio então a se consolidar e ser mais disseminada a partir da criação pelo Estado de aparatos jurídicos de preservação desses bens com vista a estimular a construção de uma pátria. De modo geral, podemos afirmar que o despertar para a conservação de bens, como sendo representantes de uma cultura, da identificação de um povo tem seu início no renascimento, porém a formulação ideológica se deu somente com a apropriação de Estado nacional em associar determinados bens como patrimônio como forma de representar a nação.

Então, para a unificação e reconhecimento da nação, o patrimônio foi crucial no fortalecimento de laços e identificação de um povo. Portanto a noção de monumento foi reformulada para agora ser inserida a perspectiva artística e histórica. A ideia de monumento que anteriormente ao Renascimento era mais usada para homenagear alguém importante que tenha desempenhado um feito histórico, após o Renascimento foi

ganhando outra significação e abrangendo o campo de monumento artístico e histórico (FONSECA, 2005).

Portanto, Com a Revolução Francesa a partir de 1792, o comitê de Salvação Pública, institui os primeiros decretos e aparatos jurídicos que garantiam a proteção do Patrimônio Histórico francês. Segundo Fonseca (2005), foi nesse contexto que o Estado toma para si a proteção de bens com o intuito de formular uma identidade da nação. Todo esse processo de criação do museu na França foi influenciado por ideais iluministas de difusão do saber e como uma forma de impedir que bens provenientes do regime absolutista fossem vandalizados por parte dos cidadãos, como forma de não aceitar e superar o regime político anterior. Por esse motivo o governo revolucionário passa a criar leis de proteção e disseminar a ideia de que esses bens eram representativos da nação francesa como um todo, e não apenas da nobreza. A partir daí o patrimônio se torna um campo de atuação política (FONSECA, 2005).

No contexto do surgimento de políticas patrimoniais os museus passam a constituir uma das instituições patrimoniais, junto às edificações e monumentos, de modo geral, onde poderiam abrigar objetos considerados patrimônios. Por exemplo, no ano de 1793 o Louvre é transformado em museu, com o objetivo de instruir a nação francesa, difundir o civismo e a história, para assim os cidadãos terem conhecimento do passado e, ao mesmo tempo legitimar ideologicamente um Estado-Nação (CARLAN, 2008).

A respeito dos museus, segundo Chagas (1996 apud CARLAN, 2008, p.82), estas instituições atuam em três campos: na investigação, na preservação e na comunicação. O museu historicamente é responsável pela produção de conhecimento e a convergência dos saberes científicos. Não basta guardar o objeto, é necessária uma pesquisa contínua. Todos os itens inseridos em um museu possuem um conjunto de informações, que são representados seja por meio de palavras ou por meio de imagens. Esse aparato de procedimentos constitui a pesquisa, tratando-se de um sistema de recuperação de informações, incorporados nos objetos dos museus, que se faz necessário para a reconstrução do passado cultural de uma sociedade.

Segundo Pinheiro (2004), o museu na era moderna passa por quatro categorias que o representam, sendo a primeira influenciada pelo Iluminismo, onde se começa a abrir o museu ao público, sendo regido pela ideia de democratizar o saber, ou seja, a era do conhecimento, de difusão do saber. A segunda categoria se desdobra sobre a consagração

da cultura visual, onde assume o papel de mediador das culturas, sendo responsável pela quebra de representação interna do museu, onde os objetos estão distantes de seus contextos históricos, cultural, social e econômico. A terceira categoria é a do museu metafórico das representações da memória, e preservação do passado, estabelecendo-se como instituição simbólica. Por fim, a quarta categoria é quando o museu se torna lugar de construção do nacionalismo: tendo a incumbência de representar a cultura nação, o museu se torna um lugar de construção da mesma.

Nesse sentido, podemos pensar tanto o patrimônio, de modo geral, como dos museus, em específico, a partir da ideia de narrativa. Essa ideia de narrativa nacional se relaciona com a reflexão de Benedict Anderson (1983), para quem a nação é uma comunidade imaginada, pois apesar de todos os indivíduos não se relacionarem de forma direta, nem se conhecerem em sua totalidade, dividem signos e símbolos comuns. A esse respeito, Gonçalves (1996) afirma que a nação pode ser construída discursivamente enquanto uma língua nacional, enquanto um conjunto de leis, literatura e, no nosso caso, como um patrimônio em comum: “Os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividades como a nação, o grupo étnico, etc.”(GONÇALVES, 2007, p. 121).

No caso do patrimônio, isso ocorre por meio de um processo de objetificação cultural. Segundo Handler (*apud* GONÇALVEZ, 1996), a objetificação cultural na lógica cultural ocidental se refere a conceber conceitos abstratos com algo material. As narrativas patrimoniais são, portanto, a construção de discursos com o intuito de fortalecer a história oficial de uma nação e a unidade da mesma. Em linhas gerais, o conjunto dos bens patrimoniais teria como função incorporar a ideia abstrata de nação.

Cabe destacar que todos esses discursos de patrimônio, preservação e identidade não existem a priori e são resultados de uma construção social que seleciona determinados bens em detrimento de outros. Isso ocorre por meio de um processo de descontextualização dos bens classificados como patrimônio, onde passa a ser ressignificado em outro enquadramento. No caso dos museus podemos ver isso quando objetos são retirados de seu contexto e época e expostos em ambientes como museus, redimensionados agora de seu contexto original, para passarem a serem símbolos e representar outras épocas, culturas e identidades sociais.

Izabela Tamaso (2007), nos ajuda a pensar sobre esse tema quando aborda o patrimônio cultural a partir de duas perspectivas, a primeira é associada às pessoas que moram no lugar e a forma como reconhecem e se apropriam dos bens culturais e a segunda perspectiva a dos bens patrimoniais reconhecidos pelos agentes autorizados (IPHAN, UNESCO) na atribuição de sentidos e valores, onde tendem a priorizar determinadas narrativas. Portanto, para além do reconhecimento dos bens patrimoniais, existem as pessoas que moram e desfrutam desses bens e atribuem valores simbólicos variados e que não necessariamente condizem com a narrativa escolhida para a representação do bem patrimonial e/ou objeto do museu. Ao mesmo tempo que nascem as práticas de preservação, colecionamento e restauração, também ocorre o processo de destruição e perda, ao mesmo tempo que esse discurso se opõe ao processo de destruição, ele ao mesmo tempo é o que produz essa destruição. Ou seja, desde os séculos XVIII e XIX, tem se falado nos meios de preservação do patrimônio cultural em seus termos gerais, de preservar, restaurar e colecionar objetos em termos gerais,

Dialogando aqui com Pierre Nora (1993), o autor enfatiza, nesse sentido que memória e história não são sinônimos, pois “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos”(PIERRE NORA,1993). Por sua vez, a história é representação do passado. Já os lugares de memória são vestígios da memória, pois na verdade ele está sendo reconstruído pela perspectiva histórica, então dessa forma a memória está relacionada à história, ainda que não se confundam. Nora (1993) também afirma que os museus, arquivos e coleções representam testemunhos de outras épocas, um passado de desejo, que de certa forma tenta preservar a memória de um povo, mas é constituído pela história, escolhendo uma história linear sem lacunas, construída para evocar o sentido de unidade da nação.

Portanto, é somente a partir do século XVIII que surge a noção de patrimônio como entendemos hoje, principalmente no contexto da revolução francesa, com a proposta de criar medidas para assegurar a preservação dos bens considerados representativos para a nação, de interesse público. Compreendemos também o quanto o patrimônio foi importante para o fortalecimento da nação e como os museus contribuíram para o reconhecimento e unificação da nação através de suas narrativas. Refletimos com a ajuda de alguns autores importantes que estudam e discutem a questão do patrimônio, como são construídos os discursos do patrimônio, preservação e identidade, que não

surtem prontos, mas que são resultados de uma construção social que seleciona determinados bens em detrimento de outros.

## **6.2. A Construção da noção de Museu Histórico no Brasil**

Neste tópico traremos a discussão do processo de criação dos museus históricos no Brasil e o que eles representam e quais suas especificidades em relação aos demais tipos de museus. Também dialogaremos com autores já citados no tópico anterior e como suas reflexões contribuem para a compreensão da narrativa escolhida pelos museus para representar nossa nação. A seguir também apresentaremos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e como se deu o processo de construção e algumas mudanças que o correram desde a sua criação.

As primeiras instituições museológicas no Brasil datam do século XIX. Dom João VI criou o Museu Real hoje conhecido como o Museu Nacional no ano de 1818, como uma de suas primeiras iniciativas culturais. Em 1864, foi criado o museu do Exército, em 1868 foi criado o museu da Marinha, em 1876 surgiu o museu Paranaense. Em 1894 surgiu o museu do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Nesse cenário destacou-se dois museus etnográficos: o Paraense Emílio Goeldi, constituído em 1866, por uma iniciativa privada, sendo transferido para o Estado em 1871, e o museu Paulista criado, em 1894 (CARLAN, 2008). Seguindo o Museu Nacional, os Museus Paraense Emílio Goeldi e Paulista se classificavam como etnográficos, modelo que se difundiu em todo o mundo entre os anos 1870 e 1930. Esse modelo era voltado para a coleta, o estudo e a exibição de coleções naturais de etnografia, paleontologia e arqueologia. Os três museus foram importantes na preservação das riquezas locais e nacionais. O paradigma central era a teoria da evolução da biologia. Conhecidos como museus enciclopédicos no Brasil, eles duraram até as primeiras décadas do século XX (JULIÃO, 2009).

A nação só ganhou evidência museológica no Brasil, com a criação do Museu Histórico Nacional em 1922. O Museu Histórico Nacional trouxe um modelo voltado à pátria, consagrado à história, interessado em, através da cultura material, trazer uma representação da nacionalidade por meio da história. A proposta era de educar o povo, fruto de esforços de intelectuais apoiados pelo Estado, tendo como diretor Gustavo Barroso de 1922 a 1959. Era preciso que os brasileiros conhecessem os fatos importantes do passado e personagens importantes, de forma a incentivar o culto à tradição e a formação cívica. Mais do que um espaço de obtenção de conhecimento, o museu tinha a



intenção de legitimar a noção de História Oficial, descrevendo a gênese e evolução da nação brasileira, considerada como obra das elites nacionais, principalmente do império, período contemplado pelo museu (CARLAN, 2008).

Podemos perceber então, que a narrativa apresentada pelo Museu Histórico Nacional enaltece o período imperial no Brasil, bem como costumes e tradições oriundas dos nossos colonizadores. Apresentando um país fundamentado e construído a partir da influência portuguesa. Porém, o Brasil é constituído de diversidade, temos influência indígena, portuguesa, africana etc. Essa diversidade esteve e está presente em nossas vidas. Temos, então, uma cultura diversificada, por mais que não sejam a narrativa escolhida por agentes do Estado para representar nossa nação.

O MHN se tornou modelo para os demais museus que iam se formando, como símbolo de integração e coesão social, incompatível com as contradições e diferenças que assolavam a nação. Retomando reflexões do tópico anterior, Tamaso (2007) nos ajuda a compreender referente a essas incompatibilidades, quando trás duas perspectivas diferentes que permeiam o patrimônio cultural. Uma é a perspectiva dos moradores de determinado local, e como eles se reconhecem e se apropriam de bens culturais, valores ou símbolos. A outra perspectiva é a dos agentes que representam o Estado, e que escolhem e transformam em bens culturais os objetos, monumentos ou símbolos que representarão a nação.

Outro marco que merece destaque é o surgimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, que foi de extrema importância no processo de institucionalização de uma política para o patrimônio cultural no país (CARLAN, 2008). No ano de 1936, um ano antes da criação oficial do órgão, Mário de Andrade elaborou um anteprojeto do que esse órgão deveria contemplar, a pedido do Ministério da Educação e Saúde Pública. O documento foi elaborado com o objetivo de abranger as mais variadas manifestações da cultura brasileira. Mário de Andrade propôs a criação de quatro grandes museus, que correspondessem aos quatro livros de tombos: arqueológico e etnográfico, histórico, das belas artes e das artes aplicadas e tecnologia industrial. O SPHAN, no entanto, não seguiu esse perfil, contemplando apenas um conceito de patrimônio restritivo, associado ao universo simbólico das elites, não dando abertura para o pluralismo cultural existente no país. Por pelo menos trinta anos o SPHAN, dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, buscou conferir ao país um

passado idealizado no século XVIII, representado pela cultura barroca e religiosa e pelo ciclo minerador (JULIÃO, 2009). Voltamos aqui à discussão sobre a ideia de preservação da memória de um povo, onde Pierre Nora (1993) diferencia a memória, da história, onde a memória é viva e acontece agora. Então não é possível reconstruir a memória de um povo representado em objetos de um museu por exemplo, pois, estes lugares são constituídos através de uma história linear, sem espaço para lacunas, com o intuito de unir a nação, contudo, a história é representação do passado, tendo portanto, contido em sua construção, vestígios de memória, o que faz com que história e memória estejam relacionadas, ainda que não sejam sinônimos.

A atuação do SPHAN no campo da museologia não foi tão aparente se considerarmos a sua intervenção em relação aos bens tombados. Porém, alguns museus foram implantados, iniciando com o Museu das Belas Artes no Rio de Janeiro em 1937, O Museu da Inconfidência em Ouro Preto em 1938 e o Museu das Missões no Rio Grande do Sul em 1940. Foram criados ainda alguns desdobramentos do Museu Nacional, o Museu Imperial em Petrópolis em 1940 e o Museu da República no Rio de Janeiro em 1960. É possível observar outros Museus que foram instalados na região de Minas além do Museu da Inconfidência, por grande interesse de Rodrigo Melo Franco de Andrade (JULIÃO, 2009).

Assim compreendemos como se deu o processo de construção da noção de museu histórico no Brasil, refletimos sobre a narrativa apresentada por esses museus e a importância dessa narrativa na construção de identidade da nação brasileira. Apresentamos também a criação do IPHAN e como este órgão influenciou a nação no processo de reconhecimento e pertencimento da nação. Refletimos, portanto, o porquê ainda estamos e somos tão influenciados pelo colonialismo e a cultura européia.

### **6.3. Patrimônio e museus históricos do Maciço do Baturité e o Museu Histórico de Pacatuba**

Neste tópico iremos falar sobre dois museus históricos do Maciço de Baturité, que são: o Museu Histórico Memorial da Liberdade, de iniciativa pública, trazendo uma narrativa abolicionista, onde conta o processo de libertação da escravatura no Município. O segundo museu é o Museu Senzala Negro Liberto de iniciativa privada que também tem como embasamento, a escravidão, evidenciando os castigos sofridos pelos escravos, como viviam e como eram tratados. O museu apresenta também como era a vida dos

senhores de escravos. A seguir apresento o Museu Histórico de Pacatuba e como se deu o processo de construção e qual a narrativa apresentada pelo museu objeto de estudo desta pesquisa.

O maciço de Baturité é compreendido por 13 municípios, dentre eles, podemos destacar o município de Redenção, que comporta dois museus históricos. As construções e formulações de cada museu trazem sempre uma narrativa do que eles pretendem repassar. O Museu Histórico Memorial da Liberdade inaugurado no dia 28 de dezembro de 1997, com o objetivo de salvaguardar objetos que retratam a vida em Redenção abriga, em sua maioria, objetos e documentos relacionados ao período escravista e abolicionista, tendo em vista que Redenção foi a primeira província a promover a libertação dos escravos no país em 1983. (MEDEIROS, 2014)

No Museu Senzala Negro Liberto, também de Redenção, ao iniciarmos a visita caminhamos para a sala e para o quarto do casarão, lá estavam expostos alguns móveis antigos pertencentes aos donos da época. Na parte de fora tem o sino, que servia para chamar os escravos. Pela manhã eles tomavam cachaça, e quando terminava o dia de serviço, comiam os restos de comida que sobrava da casa grande. Num segundo momento, adentramos a senzala que fica abaixo da casa grande, lá estavam expostas figuras pintadas nas paredes representando escravos acorrentados, bem como muitos objetos que eram usados como castigo, troncos, correntes, a solitária que era um lugar bem apertado quase não cabia uma pessoa, e na porta ainda tinham pregos. Por ser Redenção a primeira cidade do Ceará a libertar os escravos, essa exposição é de extrema importância, porém vê-se no contexto da narrativa histórica criada pelo museu, um interesse apenas em ratificar todo o sofrimento e escravidão de um povo. Não há uma referência aprofundada sobre a abolição da escravatura, nem se conta muito sobre a cultura e influência desse povo.

Após esta breve apresentação dos museus históricos abordados neste tópico, podemos perceber diferentes narrativas no contexto de criação dos museus. O Museu Histórico Memorial da Liberdade é público, sendo iniciativa da prefeitura de Redenção, onde aborda informações importantes sobre o período escravista, e também traz documentos sobre o processo de abolição da escravatura, com o intuito de apresentar um marco tão importante para a cidade, e como isso ocorreu. O Museu Senzala Negro Liberto de caráter privado traz em sua construção o ideário de comercialização, uma vez que lá

são produzidos e comercializados produtos. Além da forma como estão dispostos os objetos e sua organização, como a casa grande onde moravam os senhores de engenho e todo o glamour em que desfrutavam e logo abaixo, está a senzala, um lugar inóspito. Ambos, porém, são dedicados ao período da escravidão e sua abolição, ainda que adotem abordagens e narrativas diferentes. Vejamos agora algumas considerações sobre o museu de Pacatuba.

O município de Pacatuba está localizado na região da Serra Aratanha, criado no dia 08 de outubro de 1869. Inicialmente os povos indígenas eram os habitantes da região, os índios Tupi, os Pitaguary, e outras etnias nas redondezas. Inclusive o nome Pacatuba e Serra da Aratanha foi dado pelos indígenas, que significa literalmente lugar abundante de pacas. As três grandes culturas agrícolas que existiram em Pacatuba foram: de algodão, café e cana-de-açúcar.

Pacatuba foi a terceira cidade a libertar seus escravos e ao caminhar pelas ruas da cidade nos deparamos com construções edificadas pelos escravos. Pacatuba é uma pequena cidade, mas encantadora e anteriormente era distrito de Maranguape. A cidade é contemplada com modelos de casas e prédios antigos que encantam os moradores e visitantes. Existem na cidade alguns monumentos históricos, como o casarão, onde foi a casa do barão do café, personagem José Antonio da Costa Silva. Vários monumentos antigos hoje são usados como delegacia, gabinete do prefeito e o próprio Museu Histórico de Pacatuba também está instalado em um edifício que já foi a delegacia de polícia da cidade e também gabinete do prefeito. Pacatuba já foi cenário de filmes, como o filme Cine Hollywood (2012). Um dos grandes movimentos culturais que acontece anualmente, e é considerado um dos maiores espetáculos do Ceará, é a paixão de Cristo, contendo uma praça exclusiva na cidade dedicada a esse evento.

Em 2004 o ex-prefeito da cidade Raimundo Célio Rodrigues decide que a cidade de Pacatuba deve ter um Museu Histórico, a fim de contar a história do município. A partir de então essa missão de criar o museu ficou a cargo do senhor Antônio Fernandes de Freitas (Antony Fernandes), que com ajuda de sua esposa Elizete Maria Maia de Freitas, fizeram uma longa pesquisa entre os moradores da cidade, em busca de objetos para compor o acervo do museu.

Antônio Fernandes (Antony Fernandes) é natural de Fortaleza e veio para Pacatuba porque casou e sua esposa é de Pacatuba. A partir daí ele começou a se interessar

em descobrir a história da cidade. Dessa curiosidade ele se encontra um livro que conta a história de Pacatuba. Esse livro também foi usado nesse trabalho como fonte de pesquisa, intitulado “Pacatuba, geografia sentimental” do autor Manoel Albano Amora (1972). Seu Antonio Fernandes é artista plástico uma figura conhecida na cidade e quando se fala em história e patrimônio de Pacatuba, logo o citam como referência. Mesmo não sendo natural de Pacatuba, o senhor Antonio Fernandes é considerado por todo o povo com um cidadão pacatubano e há muitos anos está à frente do Museu Histórico de Pacatuba, inclusive este personagem ganhou o título de cidadão pacatubano.



Museu Histórico de Pacatuba

O Museu Histórico de Pacatuba, conta a história a partir de uma narrativa específica, abordando rapidamente a passagem indígena, bem como apenas alguns objetos relacionados aos escravos, se detendo mais especificamente no contexto colonial, enfatizando personagens da elite – seguindo o modelo dos museus históricos instalados no Brasil. Muitos objetos fazem referência ao barão José Antônio da Costa Silva e a baronesa Maria do Carmo, barões do café, e por sua vez, pais de um famoso poeta, Juvenal Galeno da Costa e Silva, assim como de tantas outras famílias de renome que vieram de outros lugares em busca de terras.

Os objetos são organizados em ordem cronológica, cada vão do museu conta a história de como Pacatuba foi criada .A maioria dos objetos foram doados por famílias tradicionais da cidade, e os objetos remetem em sua maioria aos casarões de barões, e famílias da elite. Uma grande parte também dos objetos foram doados pela igreja católica,

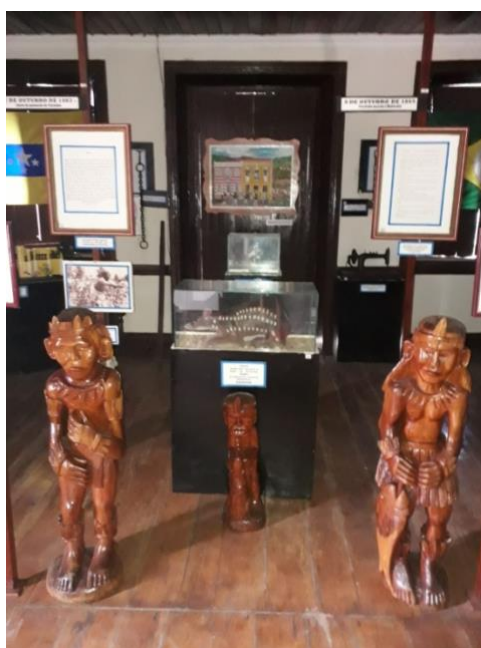
com ênfase na festa religiosa que acontece anualmente na cidade: o auto da paixão de cristo. Parte do acervo do museu também é formada por maquetes criadas pelo artista plástico Antony Fernandes. A cidade de Pacatuba não tem bens tombados pelo governo federal até o momento. O museu histórico de Pacatuba, então, tem um papel importante no reconhecimento e construção da memória da cidade, sendo visitados por alunos das escolas do município, visitantes da cidade e os próprios moradores.

Ao adentrarmos no Museu, logo de início nos deparamos com as réplicas das pacas, que eram animais que viviam em grande quantidade na região. Pacatuba significa lugar abundante de pacas.



Réplica das pacas, logo na entrada do museu, animais que foram inspiração para a criação do nome da cidade de Pacatuba

A seguir temos o primeiro salão, com fotos e alguns utensílios de casa da época, que conta a história do barão e da baronesa do café. Aos poucos a vila foi se tornando povoado e surgiu a cidade. As três grandes culturas da região foram, o café, o algodão e a cana-de-açúcar. Em seguida temos uma rápida representação da passagem dos povos indígenas Tupis e sua contribuição na formação do município.



Esculturas em madeira representando a presença do povo indígena em Pacatuba

Adiante adentramos na segunda sala, onde temos o retrato da primeira professora da cidade e partes de um tear, onde as mulheres rendeiras produziam as peças de tecido. A terceira sala é reservada para a história da igreja Católica, com alguns objetos expostos, como a vestimenta dos padres da época. Temos também nesse espaço a maquete da Praça da Paixão de Cristo. O auto, como vimos, é realizado todos os anos, sendo uma referência no Estado do Ceará.



Maquete da Praça da Paixão de Cristo

A organização e arrecadação das peças expostas ficaram a cargo do seu Antony Fernandes e de sua esposa Elizete Maia, personagens esses que participaram do processo

de criação do museu. Muitos objetos de exposição foram doados pelos moradores da cidade, familiares e contemporâneos do barão, da baronesa, e do poeta Juvenal Galeno. Seu Antony e sua esposa Elizete dessa forma montaram o Museu Histórico de Pacatuba e, apesar disso, nunca haviam trabalhado em museu antes. O museu possui um acervo de 151 bens.

A etnia indígena Pitaguary, permanece presente povoando um dos distritos de Pacatuba, Chamado Monguba, porém no Museu Histórico de Pacatuba não encontramos nenhuma referência a cultura desse povo, bem como seus costumes e contribuições para a história do município.

Vislumbramos, portanto, que a história oficial reverberada pelo Museu Histórico de Pacatuba não contempla todas as formas de cultura e experiências históricas, excluindo de seu processo de formação algumas comunidades, privilegiando uma narrativa que tem suas bases ainda no colonialismo.

Portanto, com interesse em conhecer e analisar criticamente a narrativa patrimonial do Museu Histórico de Pacatuba, busco realizar esta pesquisa, a fim de entender o processo de construção do Museu, bem como despertar o interesse em discussões que relacionam museus, patrimônio e narrativas. Não posso deixar de destacar a necessidade de interrogar as narrativas registradas por esse aparato patrimonial de Pacatuba.



## 7. REFERÊNCIAS

AMORA, Manoel Albano. **Pacatuba**: geografia sentimental. Fortaleza: H. Galeno, 1972.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARLAN, Claudio Umpierre. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. **Revista História São Paulo**. São Paulo, v.27, n.2, p. 75-88, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/ZMYTZstWXQmcpBJdz6fxtBQ/>. “Acesso em: 10 Jan. 2021”.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Construção do patrimônio: perspectiva histórica. In: *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. P.51-78

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: coleção museu, memória e cidadania, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: coleção museu, memória e cidadania, 2007. P. 121

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio Cultural e Narrativas Nacionais. In: *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. P. 11-35.

JULIÃO, Letícia. O Sphan e a cultura Museológica no Brasil. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, V. 22 n. 43 p. 141-161. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/3RQCzpm6fN5wYQf5T7kH4Ls/?format=pdf>. “Acesso em: 22 Jul. 2021”.

MEDEIROS, Antonia Ellen Jardani de Souza. **Os Museus enquanto marcos da abolição**: história e memória usadas como instrumentos pedagógicos. Redenção, [s. n.] 2014. Disponível em: <repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/148>. “Acesso em: 22 Jul. 2021.”

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: História e cultura. V. 10 jul/dez, 1993. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/12101/8763/29004&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. “Acesso em: 21 Abr. 2021.”

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004.

TAMASO, Izabela. *Em nome do Patrimônio*: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás. Brasília, 2007. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Brasília (UnB). 2007. Disponível em:

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1995/1/2008\\_IzabelaTamaso\\_Orig.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1995/1/2008_IzabelaTamaso_Orig.pdf)  
“Acesso em: 9 Set. 2021.”